

Para o sufismo, 'jihad' deve ser batalha interior

LINA DE ALBUQUERQUE

Enquanto Saddam Hussein insiste em continuar se apropriando do conceito da Jihad, "a guerra santa da purificação", de acordo com as palavras do profeta Maomé, para justificar a batalha contra a aliança de 28 países que combatem suas tropas no Kuwait, um grupo de pessoas ligadas a uma corrente mística abrigada no islamismo está preocupado em dançar e contar parábolas e contos. Sem nenhum tipo de armas, os sufis, seguidores do sufismo, doutrina filosófica arábico-persa que remonta ao século 7, desejam estar à frente de um combate contra o egoísmo, a vaidade, o orgulho e outros "vícios" humanos. Para eles, esse é o único sentido da jihad.

No Brasil, há algumas dezenas de estudiosos do sufismo. Embora muitos autores condenem a sua dissociação do Islã, como William Stoddart, autor de *O Sufismo*, foi principalmente deste modo que essa filosofia se expandiu no mundo ocidental. "Assim como não se pode ser general sem entrar no exército e jesuíta sem ser católico, não é possível ser sufi sem ser muçulmano", afirma o estudioso Mateus Soares de Azevedo, autor de *A Fé do Islã*.

Esse ponto de vista é polêmico. Idres Shah, autor de *Os Sufis*, assegura que o sufismo é anterior ao próprio Islã. No Rio de Janeiro, está sediado o Instituto Tarika, um núcleo de ensinamentos sufis que não reúne apenas muçulmanos. Ele é formado por cerca de 100 estudiosos que se reúnem semanalmente para contar histórias e trocar experiências.

O mesmo "mestre" do grupo carioca, Luís Soares, também orienta as reuniões de outros discípulos em São Paulo. Mas estas pessoas, que se denominam "buscadoras", preferem guardar segredos em torno da tradição. "O sufismo não é uma seita e os seus discípulos não estão interessados em fazer proselitismo e atrair fiéis", diz o jornalista italiano

Roberto Cattani, estudioso do Islã. Outra explicação para essa conduta reservada é evidentemente a atual guerra do Golfo. Órgãos policiais norte-americanos estão promovendo uma ostensiva investigação nas comunidades islâmicas.

O sufismo é uma tradição basicamente oral. A transmissão de seus ensinamentos ocorre por meio de lendas, histórias e parábolas. "O que nos interessa é a preservação da alma", define o xeque marroquino Mohamed Benizam, enviado ao Brasil pela Liga Islâmica Mundial. Enquanto o cristianismo valoriza a devoção e o judaísmo as obras, o islamismo dá grande importância ao primado da razão. É de Ali, um dos mestres do sufismo, casado com a filha de Maomé, a seguinte frase: "Deus não criou nada de mais belo do que a inteligência".

Essa característica se faz presente nos livros sufis que podem ser encontrados em lugares como a *Horus*, uma livraria esotérica na Rua Bela Cintra, em São Paulo. Um conto publicado no livro *O Cavalo Mágico*, dá conta dessa idéia: Antes de ser devorada por um pássaro, uma tartaruga propôs a ele que apostassem uma corrida. E ele poderia degluti-la somente se ganhasse. Enquanto o pássaro se elevou no ar, a tartaruga reuniu outras de sua espécie de modo a cobrir toda a superfície da região. O pássaro seguiu pelo ar e a tartaruga pela água. Assim, por onde ele voasse, ela sempre respondia mais à frente quando chamada.

Histórias como essa eram contadas na extinta escola infantil Miguilim, na Vila Madalena, por uma pesquisadora do sufismo que não quis se identificar. Adultos reúnem-se também em outros lugares de São Paulo, em grupos de 15 a 20 pessoas, para contar lendas referentes ao sufismo. Algumas histórias costumam ser repetidas em todas as reuniões semanais. "Recontamos a história muitas vezes para o ouvinte criar uma relação orgânica e não intelectual com a mensagem", explica a estudiosa. "Evidentemente, não se trata de algo mecânico como um treinamento de aeróbica."



Os dervixes, uma das correntes do sufismo: a dança em rodopios como forma de atingir o êxtase.

Arquivo

Em busca da essência

Existem vários tipos de escolas sufis. Os dervixes, por exemplo, procuram a essência divina por meio da dança. Para conquistar essa reintegração com o divino, os sufis ortodoxos procuram fazer retiros de longas durações. São momentos em que os ensinamentos dos livros como *A Linguagem dos Pássaros* e *Contos de Ensinamento do Mestre Sufi Nasrudin* podem ser melhor apreendidos.

Diz um trecho do primeiro livro: "Aquele sobre o qual recai um olhar afortunado adquire, no mesmo instante, a posse de cem segredos. Enquanto o olhar de um homem

espiritual não cair sobre ti, como descobrirás a tua própria existência?" O sufismo não prescinde da busca de um "mestre", uma pessoa com um autoconhecimento superior. "Mas o mestre só aparece quando o discípulo estiver pronto", reza um aforismo sufi.

Um grupo sufi do Brasil foi orientado pelo seu mestre para não conceder nenhuma entrevista enquanto perdurasse a guerra do Golfo. Indagado sobre o motivo da recusa, um estudioso sugeriu a leitura do conto *A História do Chá*, do livro *O Sufismo no Ocidente*, de autor desconhecido.

O resumo da história pode ser lido nos parágrafos seguintes:

Antigamente, o chá não era conhecido fora da China. Sábios e ignorantes de outros países espalhavam boatos sobre a existência daquela bebida celestial. Certa ocasião, o imperador chinês o ofereceu ao embaixador de outro país. No entanto, o embaixador se sentiu enganado: "Certamente se trata de alguma outra substância, pois os camponeses também a bebem", ele pensou.

Em outros lugares, durante séculos, as pessoas tomaram todas as ervas que pude-

ram encontrar, inclusive as venenosas. Numa região, o saquinho de chá era levado em procissão e ninguém se atrevia a prová-lo. Um homem sábio foi morto ao dizer "derramem água fervente sobre o saquinho, homens ignorantes". Mas os poucos que escutaram o sábio começaram a bebê-lo em segredo, fazendo com que o chá passasse por remédio. Com o tempo, o uso do chá começou a crescer no mundo inteiro. E os que ainda insistiam nos antigos argumentos eram os idiotas completos. E o mesmo aconteceu até os nossos dias. (L.A.)